

Editorial

Andrea Maila Voss Kominek

E-mail: kominek@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Claudia Nociolini Rebechi

E-mail: claudiarebechi@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Nanci Stancki da Luz

E-mail: stancki@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Como ocorreu em cada um dos números anteriores, é sempre uma alegria e motivo de comemoração lançar um novo número da revista Cadernos de Gênero e Tecnologia.

Mas este tem um sabor especial: sabor extra de resistência e superação, pois o número foi todo construído durante a pandemia, com os desafios que isto implica e é lançado em clima de ‘fim de pandemia’, ainda que as marcas deixadas e os cuidados sigam presentes.

As dores profundas de um luto coletivo ainda se manifestam. Precisamos continuar cuidando uma/uns das/os outras/os. O valor da vida, a importância da ciência e da democratização do saber e do acesso ao direito à saúde, bem como a necessidade de avançar em políticas públicas que possibilitem vida digna para todos e todas foram se tornando cada vez mais evidentes.

A pandemia escancarou as desigualdades gritantes do Brasil. Mostrou que as tragédias não afetam a todas as camadas sociais da mesma maneira e que o auxílio humanitário nem sempre chega a todas as pessoas que dele necessitam. Por outro lado, as campanhas para doação de alimentos, distribuição de marmitas solidárias para pessoas em situação de vulnerabilidade social revelaram a generosidade e o altruísmo que mantêm a vida, particularmente nos momentos de desmonte das políticas sociais no país. Movimentos sociais se mobilizaram e resistem. Em um momento no qual a necropolítica vai se expressando, viver é a primeira e principal forma de resistência.

Na sociedade machista e patriarcal que vivemos, os problemas impactam mais direta e fortemente às mulheres. A violência contra a mulher em suas diversas formas se intensificou com a pandemia. O acesso aos serviços e informações revelou-se como maiores obstáculos para mulheres que passaram a ficar isoladas e a conviverem mais tempo com agressores. O desemprego afetou as mulheres de forma cruel, gerando fome e desesperança. As mulheres empregadas, por sua vez, viveram a intensificação das tarefas, acumulando mais do que nunca atividades profissionais com as domésticas e de cuidado familiar. O cuidado com as crianças e com as pessoas doentes, tão necessário e relevante para a vida, nem sempre foi partilhado de forma igualitária, sobrecarregando as mulheres, particularmente as mais pobres.

Se às desigualdades de gênero, somarmos o racismo estrutural, evidencia-se que as mulheres negras constituem a parcela da população que mais sofreu durante a pandemia e que mais sofre perante as mais variadas dificuldades sociais. As mulheres negras, que historicamente tiveram menos acesso aos direitos sociais e enfrentaram obstáculos estruturais e discriminatórios para estudar e ter oportunidades de empregos formais, constituem parcela social sofrida, mas sobretudo resistente, forte e criativa. Desta forma, entende-se porque Ângela Davis afirma que “quando a mulher negra se movimenta, a sociedade toda se movimenta com ela”, pois quando a situação social destas melhora, a sociedade, como um todo, melhora.

As mulheres sempre foram e continuam sendo a base de sustentação da sociedade e sua maior força. Como resposta a um sistema capitalista, patriarcal e racista que tanto as explora, que as trata com violência e que tenta silenciá-las, as mulheres se organizam, lutam e conquistam o direito de viver, de estudar, de ter valorizado o seu trabalho, de ter direito ao seu corpo e de que toda diferença e diversidade seja respeitada e valorizada.

As mulheres sempre tiveram o que dizer; vozes femininas nunca faltaram, mas por denunciarem e clamarem por transformações, foram caladas. Faltaram ouvidos atentos e interessados na realização de um mundo de igualdade social. O poder patriarcal corrompeu a mensagem da igualdade que beneficiaria a todos e todas e preferiu oprimir, desvalorizar e invisibilizar mais do que suas falas femininas, a sua própria existência.

A Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia nasceu no ano de 2005 e, durante a sua existência, contribuiu para dar visibilidade à produção científica e divulgar vozes e pensamentos das mulheres e sobre as mulheres, suas conquistas e desafios.

Se a pandemia evidenciou, por um lado, quem são as camadas sociais mais sofridas e vulneráveis, destacou, por outro, a necessidade e importância da ciência. Se hoje vislumbramos o fim da pandemia, é graças aos milhares de cientistas, homens e mulheres, e dos milhares de pesquisadores, homens e mulheres, que dedicam suas vidas e energias, a buscar soluções, construir caminhos, entender relações e executar ações para um mundo de justiça para todas e todos.

No Brasil, em especial, ainda que a educação e as pesquisas científicas não recebam o necessário e justo reconhecimento governamental, cientistas seguem firmes na incansável busca pelo conhecimento e pelo esclarecimento que, sim, salva vidas!

Invisibilizadas historicamente, as mulheres cientistas e pesquisadoras sempre contribuíram para a construção do conhecimento e conquistas humanas, muitas vezes precisando utilizar pseudônimos masculinos para terem seus trabalhos publicados ou valorizados. Durante longo período, as mulheres foram excluídas da Ciência. Mesmo proibidas de desenvolver atividades intelectuais, impedidas de estudar e acessar a universidade, as mulheres contribuíram para o desenvolvimento científico e tecnológico e para revelar que não havia nada de natural à suposta associação do racional ao homem e do emocional às mulheres, pois somos, todos e todas, racionais e emocionais.

As mulheres pioneiras nas diversas áreas do conhecimento deixaram um importante legado de resistência e de indicação da necessidade e possibilidade de transformação de culturas e de efetivação da igualdade entre homens e mulheres. Hipátia, considerada como a primeira mulher Matemática, foi uma delas.

Ela nasceu por volta do ano de 355 em Alexandria (Egito); filha de Theon, matemático, astrônomo, filósofo e diretor do Museu de Alexandria. A decisão de trilhar os caminhos do conhecimento de seu pai, entretanto, levou-a a ser assassinada. Espancada até a morte por pessoas que se diziam cristãs. Ser mulher, matemática, filósofa e estar à frente de seu tempo deve ter sido incômodo para uma sociedade que, além dos conflitos religiosos, ainda defendia o enclausuramento das mulheres nos espaços domésticos.

Enedina Alves Marques é outra mulher que nos deixou exemplo de resistência e marcou com honra a história da Engenharia e das mulheres. Nascida em 1913 (na cidade de Curitiba), ela foi a primeira mulher a se formar (em 1945) em Engenharia no Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil.

Graças a muita luta e ao pioneirismo e coragem de mulheres cientistas em diversas áreas do conhecimento, hoje vivemos o tempo em que as cientistas mulheres se destacam, conquistam seu lugar de direito e são reconhecidas, ainda que, estejamos longe de alcançar a situação igualitária, justa e ideal.

Neste número do periódico Cadernos de Gênero e Tecnologia há artigos científicos resultados de uma ciência que segue caminhando, crescendo e conquistando espaço e se

democratizando. Dentre os artigos, destacam-se temas em perspectivas teóricas e metodológicas que expressam a diversidade e potência de nosso conhecimento: violências contra a população LGBT; relações raciais e identidade negra; relação entre mulheres e ciência; atuação das mulheres na pandemia; pornografia feminista e seu consumo; trabalho e cuidado; masculinidades.

Destacando-se, ainda, a entrevista gentilmente concedida pela Profa. Dra. Helena Hirata, socióloga do trabalho e cientista de renome internacional com destacadas pesquisas científicas sobre gênero, trabalho e cuidado, à Profa. Dra. Lindamir Casagrande.

Muitas mudanças ocorreram na sociedade e no mundo nos dezessete anos de vida da revista Cadernos de Gênero e Tecnologia. O periódico passou por mudanças na sua organização interna, ampliou seu alcance e relevância no cenário científico sobre os debates de gênero. Aproveitamos para agradecer a todas as pessoas envolvidas na construção da revista ao longo destes anos e, de forma especial, às primeiras desbravadoras, que acreditaram no projeto e que, mesmo perante desafios de todas as espécies, não abandonaram o sonho. São elas: Lindamir Salete Casagrande, Juliana Schwartz, Marília Carvalho e Nanci Stancki da Luz. Gratidão a cada uma e a todas!

A revista foi idealizada para ser um veículo para a divulgação dos resultados das pesquisas realizadas pelas/os membras/os do Núcleo de Gênero e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), à época, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Tecnologia (GeTec), representando um importante passo para a consolidação das atividades do grupo de pesquisa vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR (na época, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade do CEFET-PR). Com muitas conquistas, muitas histórias e sempre aberta a novos desafios, a revista se fortalece e permanece trilhando caminhos de novos aprendizados, desenvolvendo novos planos e novas metas com o objetivo de continuar contribuindo com a divulgação científica e contribuir para os estudos de gênero e tecnologia.

O amadurecimento traz um sabor agridoce: o doce dos êxitos, conquistas e reconhecimento, somado ao azedo das incertezas do futuro e dos novos desafios a serem enfrentados. Na diversidade de sabores, nos fortalecemos! Que venham os novos desafios! Que venham os próximos números!

Vida longa aos Cadernos de Gênero e Tecnologia!

Recebido: 09/07/2022

Aprovado: 09/07/2022

DOI: 10.3895/cgt.v15n45.15717

Como citar: KOMINEK, Andrea Maila Voss; REBECHI, Claudia Nociolini. LUZ, Nanci Stancki da. Editorial.

Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 15, n. 45, p. 1-4, jan./jul. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

